

# Apresentação

A proposta deste número vinte e três da *Revista Gragoatá* é privilegiar reflexão teórica que aponte para o modo como determinadas correntes interpretativas contemporâneas revisitam aspectos da tradição, reconfigurando-os ou não, para, a partir daí, estabelecer diálogos e atravessamentos. Para além disso, buscamos incluir textos que, ao se dedicarem a comentar obras literárias ou um corpus lingüístico específicos, acabam por evidenciar a recorrência a novos paradigmas teóricos e a presença, neles, de um diálogo com a tradição. Buscamos, assim, compreender o que se apresenta como um legado dos estudos lingüísticos e literários para o século que se inicia e estimular a análise interpretativa e a leitura do contemporâneo.

O legado focado por José Luiz Fiorin, no artigo que abre a revista, é o da retórica. Em *Semiótica e retórica*, o autor propõe que herdamos a retórica sob a perspectiva dos problemas teóricos da atualidade, considerando séculos de reflexão em torno das questões abraçadas por esse campo de pensamento. Inicialmente mostrando que a retórica trata dos “procedimentos discursivos que possibilitam ao enunciador produzir efeitos de sentido que permitem fazer o enunciatário crer naquilo que foi dito”, o autor passa a examinar como a semiótica francesa tem incorporado tanto a dimensão tropológica quanto a argumentativa dos estudos retóricos. Esse movimento de resgate da retórica significaria, dessa forma, abordá-la à luz das questões teóricas da contemporaneidade, em que o discurso surge como núcleo central da produção de sentidos. É dentro dessa perspectiva que, em um segundo momento, conceitos próprios da semiótica são examinados no artigo.

Maria Margarida Salomão procura, em suas próprias palavras, “acender uma lanterna na popa” para reler a tradição na produção contemporânea nos “mares da Lingüística”. Essa “lanterna” aponta para a enunciação de três teses norteadoras, interrelacionadas, que são desenvolvidas no artigo *Lanterna na Proa: sobre a tradição recente nos estudos da Lingüística*. A primeira tese é a de que a lingüística do século XX seria um “enorme sucesso como empreendimento político e científico”. A segunda propõe que o advento das novas tecnologias, juntamente com a consolidação das ciências cognitivas cria, para as práticas canônicas, “uma tensão insuportável”. E, em último lugar, e como consequência das teses anteriores, a autora sugere que haja, na tradição recente nos estudos da linguagem, um “redesenho disciplinar da lingüística”.

Mariângela Rios, Sebastião José Votre e Kátia Avelar em seu artigo *Uma (re)leitura contemporânea do imaginário português – as mezinhas de Dom Duarte*, apresentam uma proposta de releitura contemporânea do imaginário português, com foco nas tradições culturais. Releituras, segundo os autores, podem ser compreendidas como “exercícios de análise do conteúdo e reinterpretção, na ótica situada no hoje, de produtos e processos culturais do passado”. O foco específico da releitura proposta é o cuidado com as pessoas, sob a luz de seus valores culturais e linguageiros e “em suas práticas alimentares e terapêuticas”. A análise dos textos escolhidos, um conselho/regimento e duas mezinhas de Dom Duarte, se detém nos aspectos reveladores de traços de estabilidade e de continuidade nas práticas discursivas e culturais registradas, que permitem a identificação de “uma mesma língua e universo cultural cunhados, pelo menos, há cinco séculos no imaginário português”.

Em *Tirando os véus, velando o outro: Bakhtin e os diálogos multiculturais contemporâneos*, Valéria Rosito Ferreira revisita o pensamento do teórico russo em torno do conceito de polifonia, procurando articulá-lo à crítica cultural da contemporaneidade. A autora, em sua reflexão, mostra a riqueza e adequação dessa articulação, principalmente no que se refere à interface entre Teoria da Literatura e Lingüística. O fenômeno contemporâneo específico sobre o qual Valéria se debruça é o multiculturalismo, examinado e problematizado a partir do exame da linguagem cinematográfica de *A Maçã* de Samira Makhmalbaf, de 1998. A partir dessa reflexão, a autora aponta os riscos que o privilégio das ‘vozes de dentro’ pode acarretar para o “fenômeno do multiculturalismo e da globalização na produção cultural e acadêmica contemporâneas”.

Renata Mancini, em seu artigo *A semiótica tensiva e o nouveau roman de Nathalie Sarraute*, examina a semiótica tensiva de Claude Zilberberg e Jacques Fontanille como um importante desenvolvimento recente da semiótica greimasiana. Os trabalhos nessa linha, segundo a autora, contemplam os elementos sensíveis característicos da geração de sentidos os quais, cifrados como categorias, dariam conta do tratamento do texto como *processo*. De acordo com a autora, apesar de essa abordagem não alterar os procedimentos clássicos da análise semiótica greimasiana, mostra-se “particularmente produtiva no tratamento de textos contemporâneos, que trazem como uma de suas marcas a manipulação sensível do enunciatário”. Esse é o caso do texto de Sarraute analisado, cujo efeito de sentido, segundo a autora, “não pede apenas para ser compreendido”, mas, sobretudo, para ser ‘vivenciado’.

Em seu artigo *Condicionais reportadas e flexibilidade de ponto de vista*, Lilian Ferrari lança mão da teoria dos Espaços mentais para examinar as construções condicionais no português brasi-

leiro. Essa proposta afasta-se da noção tradicionalmente aceita de uniformidade de postura epistêmica, que vê esse fenômeno como sendo unificado e coerente. Segunda a autora, a noção tradicional não explicaria os casos de condicionais encaixadas no discurso indireto, que pode ser mais bem compreendido por meio de primitivos discursivos, tais como Base, Ponto de Vista e Foco. Lilian Ferrari argumenta que a exigência de uniformidade nas construções condicionais não seria de natureza inerentemente sintática, mas decorreria de fatores discursivo-pragmáticos, que poderiam ser tratados adequadamente pelo arcabouço teórico-analítico da teoria dos espaços mentais.

Em *A literatura, hoje: crônica de uma morte anunciada*, Sérgio Luiz P. Bellei retoma a discussão em torno da “morte da literatura”, conforme proposta pelo que se convencionou chamar de a “Era da Teoria” e que corresponde aos anos que se seguiram à década de sessenta, para problematizá-la diante das transformações ocorridas nos últimos quarenta anos, sobretudo a considerarmos aspectos sócio-culturais e tecnológicos. Para tanto, relê elementos da teorização desenvolvida no período, interrogando os conceitos de autor, texto, leitor e arte, para identificar, nos últimos anos, a presença de questionamentos alternativos, responsáveis por indicar a relevância social e cultural do literário no momento em que vivemos.

Juliana P. Perez, em *Reflexões sobre a poesia como abertura*, investiga o conceito de *abertura* nos textos de Paul Celan, para, a partir daí, compreender a *abertura* como uma das condições de possibilidade da própria poesia. Desta forma, a pesquisadora desdobra o conceito em três níveis - o lingüístico, o cognitivo e o ético -, apresentando-o como instrumento capaz de assinalar a disponibilidade da linguagem ao incomensurável do outro, a percepção do homem como ser efêmero e o estabelecimento de um *ethos* que se configura em plenitude no amor.

*A conquista do “entre-lugar”: a trajetória do romance histórico na América*, artigo apresentado por Gilnei Francisco Fleck, apropria-se de já conhecido conceito estabelecido por Silviano Santiago na década de setenta - o entre-lugar - para pensar a trajetória do romance histórico na América. Este gênero, caracteristicamente híbrido, encontra-se, ao aqui chegar, com realidades históricas singulares, como afirma o próprio autor. Seus romancistas, ao interagirem com essas realidades e estabelecerem uma perspectiva que busca dar voz ao colonizado, encaminham-se para a constituição de uma releitura crítica do passado, esboroando a forma como ele fora fixado pelo olhar europeu. Tal procedimento o constitui, sintomaticamente, como espaço inovador e fundamental para a reflexão acerca da história do continente, já aqui interrogado por aqueles que o habitam.

Em *Ideograma e pensamento selvagem - a arte e a ciência do yãmûy maxakali*, Charles Bicalho busca aproximar Teoria Lite-

rária e Antropologia, estabelecendo relações entre o conceito de *ideograma*, principalmente como postulado por Haroldo de Campos, e a idéia de *pensamento selvagem*, elemento central no pensamento de Lévi-Strauss. Esta aproximação, delineada a partir da observação de uma manifestação performática, com ênfase em seu aspecto verbal, que se insere no rol dos sistemas simbólicos dos índios Maxakali de Minas Gerais, recorre, ainda, a outros aparatos teóricos, como a semiótica de Peirce e os estudos de Clifford Geertz, para reconhecer o ideograma como “a expressão por excelência do pensamento selvagem”.

Em *A literatura marginal e a tradição da literatura: o prefácio manifesto de Ferréz, Terrorismo Literário*, escrito por Luciano Barbosa Justino, o prefácio-manifesto produzido pelo escritor paulista é tomado como objeto privilegiado para o entendimento da literatura marginal e da forma singular como esta produção se relaciona com a tradição literária. Para tanto, convoca a especificidade do lugar de escrita ocupado por esse autor – morador de uma favela na periferia de São Paulo – para destacar a perspectiva étnica e política presente em tal interlocução.

Nádia Regina Barbosa da Silva, em *Ruínas e memória: Dois irmãos e um “novo” regionalismo*, parte da leitura do romance *Dois irmãos*, de Milton Hatoum, para discutir as aproximações entre o texto e o modelo do romance regionalista, destacando, sobretudo, o modo como tal romance investe na constituição de matéria híbrida, por recorrer a contribuições próprias de matrizes urbanas – clássicas ou modernas – de nossa literatura. Desta forma, segundo a autora, o texto de Hatoum reexamina os conteúdos regionais, ao mesmo tempo em que enfoca as relações presentes nos seio da família, recuperando uma identidade específica que parece evitar transformação multicultural mais abrangente.

Por fim, Silvia Cárcamo apresenta uma resenha de *Reciclaje cultural y memoria revolucionaria: la práctica polémica de José Pablo Feinmanni*, livro publicado por Rita de Grandis em Buenos Aires, em 2007, pela editora Biblos. Na resenha, a autora destaca o desafio assumido pela obra ao se propor a pensar a reciclagem cultural e a memória revolucionária como fenômenos simultâneos, para, a partir delas e considerando a inserção de José Pablo Feinmann, discutir o campo intelectual argentino.

Silvio Renato Jorge e Solange Vereza (Org.)